

A construção do texto crítico em sala de aula: Um espaço interdisciplinar

A construção do texto crítico em sala de aula: Um espaço interdisciplinar

Casemiro Moreira Filho

RESUMO: A expressão textual é a maneira pela qual o indivíduo interage com a sociedade que o cerca. A partir dessa visão, entendemos “texto” como o espaço do discurso, o manejo dos sentidos, o empoderamento pela palavra. Os alunos de hoje, herdeiros do sistema fragmentado de conteúdos, apresentam dificuldades em se expressarem textualmente, principalmente quando se cobra um posicionamento crítico, uma opinião pessoal. Demonstam dificuldade em relacionar as inúmeras informações que recebem, em interpretar e, principalmente, em apropriar-se dos conhecimentos trazidos pela leitura a fim de promover a possibilidade de inferir, de fazer deduções(1). Se a atividade de produção textual se basear na intervenção de diversas áreas do saber, de diversas disciplinas, certamente exigirá do aluno um pensamento mais centralizado, possibilitando que seu texto seja o produto de sua observação do mundo que o cerca.

Palavras-chave: Produção textual; texto crítico; sujeito; língua; discurso; interdisciplinaridade.

ABSTRACT: *The textual expression is the way by which the individual interacts with the society around him/her. By its view, we understand “text” as the space of the discourse, the handling of the senses, and empowerment by the words. Students nowadays, heirs of a fragmented system of contents, show difficulty in expressing themselves using texts, mainly when they need to give a critical point of view or personal opinion. They demonstrate difficulty in relating the information they receive, in interpreting and, mainly, in using the knowledge they receive by reading so they can promote the possibility of inferring and deducting. If the activity of textual production is based in the intervention of various areas of knowledge, of various subjects, it will certainly require from the student a more centered knowledge, making his/her text the product of the observation of the world around him/her.*

Keywords: *textual production; critical text; subject, language; discourse; interdisciplinary.*



Casemiro Moreira Filho

1. A PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL EM SALA DE AULA: A FORMAÇÃO DO SUJEITO E DO DISCURSO

A expressão integral das atividades dos indivíduos de uma sociedade se dá por intermédio de textos. Somos impelidos, o tempo todo, a essa prática e produzimos os nossos textos à medida que necessitamos “dizer algo a alguém”. Facilmente concluímos que, nos dias atuais, a noção de texto difundida na escola está longe de ser aquela voltada para uma concepção interativa e discursiva da língua. Isso faz com que o aluno imagine a disciplina Produção de Textos como o único momento possível de criação textual. Nessa visão, a escola se torna um espaço desconectado com o mundo real, porque não prepara o aluno para sua inserção em um mundo dinâmico, comunicativo, no qual as informações circulam pelos textos. Informação é a palavra-chave do momento em que vivemos.

A concepção interativa e discursiva da língua é um modo de estabelecermos a relação autor/ leitor. Ela reflete noções fundamentais que percebem a língua sob a perspectiva da interação. É a ação com o outro, uma troca de informações, de ideias, um dizer algo. A partir dessa visão, a escrita se torna uma atividade a qual muitas outras noções se somam, como a de cooperação e de contextualização. Os interlocutores são funções cooperativas à medida que a ação é conjunta de um para o outro e cujo fim é a interpretação dos sentidos. Para isso, é preciso saber para quem se escreve, quem é o nosso interlocutor. Também não é possível escrever sem que o texto esteja inserido em algum momento do tempo e em um ponto do espaço, em um evento cultural, em um contexto. Ao entendermos a localização de um texto em determinado contexto, podemos entender que a situação colabora para as escolhas linguísticas presentes na produção, essas

escolhas servem como marcas particulares que inserem o texto em determinado momento histórico, “(...) se escrever constitui uma atividade interativa, contextualmente situada e funcionalmente definida, é natural que cada texto seja marcado pelas condições particulares de cada situação” (ANTUNES, 2005:33).

Partimos da noção básica apresentada por Geraldi (2003:98) na qual ocorre produção de texto quando “alguém diz algo a alguém” para formarmos um conceito importante: a concepção do outro, do interlocutor cuja imagem está presente bem antes do texto pronto. A participação do leitor se dá em todos os momentos do processo, quando ainda está em fase de confecção e quando está pronto para a leitura. Ao elaborar um texto, o autor preocupa-se com o outro à medida que orienta o seu dizer a alguém específico. É para esse alguém que o autor lança mão dos sentidos criados, partindo da imagem construída de seu interlocutor, aquele com o qual se interage, chega, o autor, a medida de suas escolhas, de suas opções. Sem ele, escrever seria uma “tarefa difícil, dolorosa, ineficaz, pois falta a referência do outro, a quem todo texto deve adequar-se” (ANTUNES, 2003:46). Essa relação existente entre o autor e seu interlocutor (ausente, porém, idealizado) é capaz de medir, durante todo o processo de construção textual, se o caminho escolhido está correto, se as palavras estão adequadas, se os sentidos eficientes, se o projeto de dizer é capaz de atingir seu objetivo, segundo Geraldi (2006:137), “um movimento contínuo e recursivo entre inter-intra-inter-individual”.

Se analisarmos as práticas realizadas em sala de aula, nos dias atuais, perceberemos que o tratamento que se dá à escrita (e sua contrapartida – a leitura) deixa muito a desejar. A escola, na maioria das vezes, não forma leitores, não prepara o aluno para a leitura e entendimento de diversos gêneros textuais e



A construção do texto crítico em sala de aula: Um espaço interdisciplinar

suas particularidades, não constrói produtores de textos. Mesmo com as concepções apresentadas nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) os quais estabelecem que “os conteúdos de língua portuguesa devem articular em torno de dois grandes eixos: o do uso da língua oral e escrita e o da reflexão acerca desses usos”, essas práticas ainda perdem terreno para as “velhas” dimensões de importância do ensino: a supremacia da gramática normativa.

Algumas escolas ainda promovem um processo de escrita no qual o autor não se constitui um sujeito, está sob a égide das prescrições e lhe é vetada a possibilidade de criação gramatical; a reprodução do que foi memorizado (regras ortográficas, sintáticas, etc.) é cobrado como recurso para a criação textual, como se o domínio dessas regras bastasse para “tecer” as idéias que se têm de produzir; a base de formação do estudante criando frases soltas e descontextualizadas, coibindo a interação, sem textualidade por constituírem-se em seqüências de frases desconexas entre si, sem nenhuma ordem ou progressão. Essas constatações prejudicam uma possível prática de produção textual que seja, por essência, interacional.

Por fim, após estabelecermos as noções básicas para um efetivo trabalho de produção textual em sala de aula, no qual equacionamos conceitos importantes para a mudança de mentalidade escolar, verificando não mais o texto como fim e sim como o meio, o aluno como sujeito, o produto como discurso e a concepção interativa de língua; passemos a analisar o processo que funde o conteúdo disciplinar em um todo capaz de formar as bases para a aquisição de conhecimentos do estudante tendo o texto como elemento de coesão interdisciplinar.

2. A HISTÓRIA DA FRAGMENTAÇÃO E OS CAMINHOS DA CONJUNÇÃO

A escola deveria ser o espaço da conjunção das variadas formas possíveis de aquisição de conhecimentos que, em universo específico, representa a sociedade em todos os seus aspectos. O aluno, ao frequentar a sala de aula, percebe o funcionamento do mundo quando manipula as diversas áreas do saber; é capaz, através de situações simuladas no cotidiano escolar, de se preparar para o enfrentamento da realidade no pleno exercício de seus direitos e deveres enquanto cidadão. Um dos maiores problemas, que não permite que a prática acadêmica atinja os objetivos acima propostos, está justamente na divisão curricular. Essa herança da Revolução Industrial caracterizada pela divisão do trabalho intelectual, pela fragmentação do conhecimento e necessidade abundante de profissionais especializados surgiu para atender aos apelos de uma nova situação social movida pela racionalidade extremamente positivista da sociedade industrializada.

O modelo escolar atual é multidisciplinar, no qual as atividades escolares atuam de forma simultânea e não relacionadas entre si, não havendo, portanto, cooperação entre as disciplinas, os conhecimentos são estanques e estão todos num mesmo nível hierárquico e não há alguma organização ou coordenação entre tais conhecimentos (2).

Ao pretendermos uma concepção interativa de língua para a produção de textos em sala de aula, necessitaremos romper com todo e qualquer tipo de fragmentação/desarticulação que envolva um processo de conhecimento. O pensamento não deverá ser parcelado e o conhecimento não estará desvinculado de um projeto global de sociedade.

Um dos pontos defendidos neste trabalho, em prol de uma revisão na instituição escolar, é a mudança de um modelo multidisciplinar para um interdisciplinar.



Casemiro Moreira Filho

2.1. A interdisciplinaridade propriamente dita

Por interdisciplinaridade, entendemos a interação entre as disciplinas ou áreas do saber; é uma nova forma de aquisição de conhecimentos, perpassada pela pesquisa e articulação de paradigmas e caracterizada pela comunicação entre várias disciplinas determinando um domínio de investigação. Esse processo é constituído por linguagens partilhadas, pluralidade dos saberes, possibilidade de trocas de experiências e realização de parcerias. É, também, a possibilidade do aluno escolher as parcerias necessárias para a aquisição do conhecimento em questão, através de um processo seletivo, de escolhas originais e pessoais, pois, segundo Fazenda (1994:65), “permite a cada pesquisador recorrer à sua forma própria de representação. Cada trabalho possui sua configuração específica e sua peculiar estética”. E mais:

A interdisciplinaridade permite não apenas a observação do fenômeno por uma lente grande-angular como permite através da mobilidade que a sustenta aproximações ou distanciamentos do fenômeno observado, conforme o estudo assim o requerer. Poder observar variadas óticas vai despertando no investigador o gosto pela dúvida, pela pesquisa, incitando-o a percorrer novos caminhos teóricos para explicitação do real. Colocar em dúvida teorias construídas a partir de uma atitude disciplinar não significa isolá-las ou anulá-las, mas enfatizar nelas seu caráter de provisoriedade (grifo do autor). (FAZENDA, 1994:62-3)

Um bom começo, para a exploração de determinado tema é a dúvida. Na realidade, o ser humano é, por natureza, um indivíduo questionador, reflexivo, racional. Portanto, muitas perguntas “giram” em sua mente, muitas vezes por dia. Na escola, o público é incessante-

mente questionador, porém, na maioria das vezes, suas dúvidas são sufocadas em nome, primeiramente, de uma ordem instituída que regulamenta o grau de interesse a que todos estão submetidos; em segundo lugar, de um programa a ser cumprido num determinado espaço de tempo (e espaço é o que menos se consegue criar num ambiente escolar); uma atitude interdisciplinar aproveita-se da dúvida para florescer.

Desta forma, a noção de interdisciplinaridade, em essência, carrega a noção de interatividade disciplinar. O professor oriundo desse processo não está mais voltado apenas para sua “disciplina”, seu universo microscópico. É preciso que saia da zona de conforto oferecida pelos seus livros didaticamente sistematizados, carregados de paradigmas a serem distribuídos aos alunos, e parta para uma visão macroscópica, sistematizada de outra forma, mais exigente de sua presença, de sua participação enquanto sujeito do ensino, um profissional capaz de aguçar a curiosidade de seus alunos a fim de produzir neles não só o desejo pelo conhecimento, mas, o desejo pela criação de seu próprio caminho para chegar ao conhecimento.

Há muitas maneiras de produzirmos o conhecimento, através da interação, no ambiente escolar. O modelo implementado na maioria das escolas, a concepção multidisciplinar, evidencia que o pensamento é isolado e fragmentado, não há diálogos capazes de fomentar o conhecimento e, por isso, o aluno se depara com um menu de disciplinas. Normalmente, escolhe a que mais lhe agrada e nunca chega a perceber que não é dessa maneira que será cobrado pela vida. Essa abordagem segmentada possibilita um questionamento muito comum, o qual passeia pelos corredores de todas as instituições de ensino: “Por que necessito estudar isso se nunca vou usar?”. Por outro lado, a interdisciplinaridade possibilita, através de



A construção do texto crítico em sala de aula: Um espaço interdisciplinar

uma determinada matéria, o diálogo entre outras, o que torna a escola o espaço de simulação da vida, no qual precisamos relacionar os diversos elementos que nos são oferecidos diariamente para formularmos hipóteses que nos levarão à ação efetiva de nossas escolhas. Segundo os PCN:

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos (BRASIL, 2002:34-6).

Deste modo, percebemos que a interdisciplinaridade não é uma mera associação de conteúdos e de temas, é, acima de tudo, a busca da unidade das práticas erigidas em sala de aula, nas diferentes interpretações de assuntos comuns. Com isso, verificamos a preocupação educacional voltada para algo que mobilize a escola a partir de objetivos mais amplos, o desenvolvimento de competências e habilidades, e, não, a preocupação específica de “vencer” os objetivos segmentados de disciplinas isoladas. Assim, não teremos mais disciplinas diluídas em contexto fragmentado, nem professores desvinculados de uma visão global de escola. Ampliaríamos as possibilidades de atuação dos profissionais através da aproximação e da articulação de ideias e atividades, o conhecimento seria o fruto de uma ação coordenada e orientada, o aluno seria, também, parte atuante no próprio processo de aquisição do saber e não um mero depositário de paradigmas já há muito desatualizados.

3. CONCLUSÃO

Uma produção de texto, ao ser ensinada em sala de aula, nos dias atuais, em determinadas escolas, é a reprodução de modelos antigos e consagrados, canônicos. O professor se vale das noções expressas e repetidas nos livros didáticos e fornece os paradigmas a serem seguidos pelos alunos em suas expressões textuais. O processo instituído da prática de redação, por isso, acaba se tornando uma atividade desinteressante por que não evolui, se repete, não reage; não é resultado de um “pensar” o escrever, e, sim, da ânsia de se contabilizar os deveres cumpridos. Não criticamos a temática abordada pelas aulas de Redação, estas, até certo ponto, são atraentes aos alunos por circundarem seu universo social e aguçarem a visão periférica do educando. Acreditamos que o problema esteja na “forma”, na metodologia, na maneira fragmentada de abordar esses temas e exigirem sua materialização no papel.

Um aluno é um “sujeito” à medida que não se “assujeita” frente aos fatos, que cria seus sentidos e os expõe; a língua é o instrumento de ligação entre interlocutores, é através dela que os sentidos se firmam e se sustentam, é a ponte entre duas realidades, entre dois sujeitos: o que “fala” e o que “escuta” em um jogo que transcende a simples decodificação de mensagens. Sob o ponto de vista lingüístico, não há mais espaço para o reinado absoluto da gramática. Ela se manifesta nas produções textuais e não isoladamente, não se avalia um aspecto gramatical sem que ele esteja inserido em um contexto linguístico. Desta forma, evita-se cometer o erro da análise do certo e do errado, sem percebermos as funções dos enunciados, quem os emite e quem os recebe.

Na sala de aula, as disciplinas contribuem, de forma unificada, para a criação do conhecimento, aquele manifestado no ser humano



Casemiro Moreira Filho

de forma global que permite que o indivíduo reproduza, na escola, a realidade de sua vida. Normalmente, a vida não é composta de conceitos estanques, também não vivenciamos as coisas de forma partilhada. Qualquer fenômeno a que o ser humano está sujeito acontece de forma unificada, é assim que ele reage, é assim sua expressão.

Unificar o conhecimento na escola é simular a vida real. Preparar sujeitos atuantes, inseridos, é propiciar posicionamentos; posicionamentos mudam a realidade, melhoram o mundo. Posicionamentos surgem da observação e da crítica. Surgem da troca de mensagens críticas, portanto, de textos críticos.

Sobre o autor:

Professor de Língua Portuguesa e Literatura

Notas:

(1) Caderno pedagógico da Viagem Nestlé pela leitura – edição 2004. Fundação Nestlé de Cultura.

(2) Esse modelo de escola surge no século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, para atender às necessidades de formação do homem daquela época: o homem da fábrica formado como mão-de-obra para a indústria, treinado, disciplinado, enfim, operário. O currículo foi planejado para formar pessoas disciplinadas, submissas, obedientes, organizadas, metódicas, nada criativas e questionadoras. Daí o uso do uniforme, da fila, do horário, do silêncio, da passividade e do isolamento. É também no século XVIII que surge o Positivismo em oposição à Filosofia clássica, às tendências iluministas. Em essência, prega a objetividade, a universalidade e a neutralidade necessárias ao cientificismo. Disciplinas surgidas sob a égide positivista como a Psicologia e a Sociologia, cooperaram para a formação do pragmatismo e do empirismo nas práticas escolares. A Igreja, com seus dogmas e sacramentos, determinou práticas avaliativas, punitivas e proibitivas, propagando a ideologia dominante. Tudo isso propiciou a fragmentação do conhecimento acumulado e com ele a fragmentação do aluno que “fragilizado é facilmente dominado”.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula; 1).

_____. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

DUBOIS, J. e outros. *Dicionário de Lingüística*. 10 reimp. da 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

FAZENDA, Ivani c. Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003. (Questões fundamentais da Educação; nº 2).



A construção do texto crítico em sala de aula: Um espaço interdisciplinar

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 14 ed. São Paulo: Loyola, 1996 (Leituras Filosóficas).

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Texto e linguagem).

_____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. 6 reimp. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. *O que é Lingüística*. 1. ed. 16. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 184)

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Lingüística*. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.